

Pode o trabalho honesto ser um prazer?



O que aprendi numa fábrica

CONNON BARCLAY

«**E**STOU a fim de descolar um emprego no verão para arranjar dinheiro para a universidade. Mas nada de fábricas, hein?», ouvi um estudante secundário dizer para um amigo. «O que é que eu ia aprender num troço daqueles?»

Além de melhorar sua linguagem,

gostaria de contar-lhe o que aprendi trabalhando numa fábrica no verão anterior ao meu último ano no secundário, faz muito tempo.

No primeiro dia, naquela fábrica de tintas em Michigan, um dos filhos do proprietário me cumprimentou calorosamente e apontou para uns enormes depósitos suspen-

sos, presos por correntes e ganchos gigantescos, enquanto o gerente da fábrica me dizia: «Connon, preciso de outro par de ganchos de suspensão aqui. Pode ir à seção aí ao lado apanhá-las?» Lá fui eu.

Como na outra seção não houvesse daquelas ganchos, mandaram-me procurar na área de mistura. Também não encontrei nenhuma, e assim acabei visitando todos os departamentos da fábrica.

Quando voltei de mãos vazias, contaram-me entre boas risadas que as tais ganchos de suspensão era pura invenção; que aquela história se usava para que os recém-contratados ficassem conhecidos em toda a fábrica. Aprender a aceitar uma brincadeira bem-humorada à minha custa foi minha primeira lição.

Antes de trabalhar dentro da fábrica, os novos empregados tinham de raspar e pintar o exterior do edifício. Após dar duro sob um sol abrasador, voltei para casa com as mãos doendo, ciente de que os melhores amigos do homem são seus dez dedos. Com efeito, ao ver os operários da fábrica, homens e mulheres, trabalhando duramente todos os dias, aprendi a respeitá-los.

Quando comecei a pintar, aplicava com pouca convicção o pincel e os rolos na parede do exterior do edifício em razão de minha inexperiência. A família proprietária da fábrica sabia disso, mas, no dia em que acabei minha primeira parede, todos os operários das seções próximas saíram do edifício para aplaudir meu esforço. Nesse dia, aprendi

que o fruto do trabalho honesto é um dos maiores prazeres da vida.

Nos dias especiais em que os vagões dos trens de carga chegavam às docas, eram escolhidos seis operários para descarregar os sacos de 23 kg com ingredientes para as tintas. Começávamos às 7 da manhã e quando acabávamos podíamos ir para casa. Assim, se todos trabalhássemos bem, em conjunto, ficávamos com uma tarde livre. Era uma excelente técnica de gestão. Com ela aprendi que é possível transformar uma tarefa difícil num trabalho de equipe positivo.

Assimilei muitas capacidades e valores naquele verão, mas só vou mencionar mais um: lembro-me de que me opus a que tivessem colocado um adesivo plástico de campanha eleitoral em meu carro. (A fábrica era propriedade do pai do ex-presidente dos EUA, Gerald Ford.) Os donos da fábrica ouviram minhas queixas e disseram que estavam dispostos a tirá-lo. É que o respeito pelo trabalho, mesmo em meio expediente, é uma das características das administrações boas e justas.

Gostaria ainda de sugerir ao rapaz que não quer trabalhar numa fábrica que atentasse para esta citação de Jeremy Taylor, bispo inglês do século XVII: «Se não fosse o trabalho, o homem não poderia comer tanto, nem apreciar tanto o sabor dos alimentos, nem dormir tão profundamente, nem ser tão saudável, ou tão útil, ou tão forte, ou tão paciente, ou tão nobre, nem resistir às tentações».

